

ANTES DO CLUB: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS NA CAPITAL DO IMPÉRIO (1825-1851)*

VICTOR ANDRADE DE MELO**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir as representações veiculadas sobre as experiências esportivas no Rio de Janeiro organizadas na primeira metade do século XIX. No recorte temporal adotado, 1825 a 1851, foram promovidas corridas de cavalos e regatas melhor estruturadas antes e depois da fundação das pioneiras agremiações esportivas: o Club de Corridas e a Sociedade Recreio Marítimo. Como fontes, foram utilizados jornais e revistas publicados na cidade no período investigado, relatos de viajantes que na capital do Império estiveram no momento em tela, bem como dicionários de língua portuguesa lançados nos séculos XVIII e XIX.

PALAVRAS-CHAVE: História do Esporte. Turfe. Remo.

ABSTRACT

This article aims to discuss the representations on sporting experiences organized in the first half of 19th century in Rio de Janeiro. Between 1825 and 1851, it was possible to promote horse racings and regattas better structured, accomplished before and after the founding of the first sporting clubs: Club de Corridas and Sociedade Recreio Marítimo. We have used as sources newspapers and magazines published in the city at that time, reports of travelers that lived in the capital as well as Portuguese dictionaries launched in the 18th and 19th centuries.

KEYWORDS: Sport history. Horse racing. Rowing.

Introdução: um balanço

O esporte, desde os oitocentos, tem ocupado relevante espaço no cotidiano de algumas cidades brasileiras.¹ Mais ainda, no decorrer do século XX, o futebol se tornou uma das práticas culturais mais apreciadas no país. Ao seu redor, inclusive, se forjaram importantes discursos identitários.²

A trajetória do fenômeno esportivo em terras brasileiras dialogou com o que ocorreu no cenário internacional. Para além da inegável importância do futebol, por aqui, por exemplo, se consolidaram outras modalidades coletivas, destacando-se a recente popularidade do voleibol.³ Da mesma forma, no Brasil se estabeleceram as práticas na natureza, como o montanhismo, o voo livre e o surfe.⁴ De fato, muitos esportes no país se conformaram, processo que se deu de forma articulada com os mais distintos aspectos políticos,⁵ econômicos,⁶ sociais⁷ e culturais⁸ da história nacional.⁹

Com tamanha presença social, tendo mesmo o esporte extrapolado suas fronteiras iniciais,¹⁰ não surpreende que o Brasil tenha sido palco de grandes competições, hoje mais conhecidas como megaeventos. Podemos, entre outros, citar os Jogos Olímpicos Sul-Americanos (1922),¹¹ a Copa do Mundo de Futebol (1950),¹² os Jogos Pan-Americanos (2007), bem como os vindouros Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.¹³

A despeito do importante papel que vem desempenhando a prática esportiva, é somente a partir dos anos 1990 que se tem gestado, no Brasil, um campo de investigação histórica ao seu redor,¹⁴ inicialmente no âmbito da Educação Física, área que desde os anos 1980 passa por um processo de reformulação, posteriormente na própria História, disciplina na qual também houve um movimento de renovação e ampliação dos interesses.

Se considerarmos que, nas últimas décadas, se acentuou ainda mais a presença do esporte na sociedade brasileira, não parece equivocado sugerir que a conformação do campo de pesquisa bem confirma a máxima de Febvre: “A História é filha de seu tempo”. Como se pode parcialmente perceber nos parágrafos anteriores, já há uma consistente (e crescente) produção sobre o tema.

Outros indicadores dessa estruturação são a promoção de simpósios nos eventos da Associação Nacional de Historiadores (Anpuh)¹⁵ e a organização de grupos de pesquisa dedicados ao assunto. Em boa medida, até mesmo a proposição de dossiês, como é o caso dessa edição da *Projeto História*, é um indício desse processo de consolidação de uma nova área nos territórios de Clio.¹⁶

Obviamente, até mesmo em função de ser recente no Brasil a estruturação da História do Esporte, há muitas facetas da trajetória do fenômeno esportivo que ainda carecem de maior compreensão. Um desses temas é a própria chegada da prática no país do século XIX, fruto de uma maior relação com o “civilizado” mundo europeu.

Para refletir sobre o assunto, parece prudente ter em conta o que sugere Schwarcz: a cultura nacional “se construiu com base em empréstimos ininterruptos, os quais, no entanto, incorporou, adaptou e redefiniu ao justapor elementos externos a um contexto novo”.¹⁷

Mesmo que a motivação para a implantação do esporte no Brasil inicialmente tenha sido uma ideia importada, houve releituras que devem ser prospectadas. Mais ainda, devemos considerar como suspeita a tese de que houve um “epicentro” que difundiu com exatidão a prática para o território nacional. Parece mais adequado insistir na ideia de “multiterritorialidade”: o fenômeno foi, com alguma autonomia, se conformando nos mais distintos espaços do país.

De outro lado, merece ser melhor compreendida a influência que partiu de alguns centros. Internacionalmente, esse é o caso de Londres e

Paris. No cenário brasileiro, podemos citar o Rio de Janeiro, cidade que não só acolheu parte significativa das primeiras experiências esportivas nacionais, em diferentes períodos históricos, como também, durante anos, foi uma importante caixa de ressonância de modas e costumes.¹⁸

Isso é, ainda que o esporte tenha se espalhado pelo país a partir de diferentes matrizes, sempre dialogando com as peculiaridades locais, a capital foi um importante polo de difusão, um processo que se tornou mais visível a partir de meados do século XIX. Como sugere Schwarcz:

é na capital, durante os anos de 1840 e 1860, que se cria uma febre de bailes, concertos, reuniões e festas. A corte se opõe à província, arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, tudo isso aliado à importação dos bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses.¹⁹

Esse momento é marcado por avanços na estruturação do Estado, pela implementação de reformas nos mais distintos âmbitos e pela mais clara adesão a discursos civilizatórios.²⁰ Percebe-se tanto o já citado aumento de relação com o continente europeu quanto o delineamento de uma vida pública mais ativa, que tem como uma de suas marcas a valorização dos entretenimentos e a melhor configuração de um mercado ao seu redor.²¹

Nesse contexto começou a melhor se estruturar o campo esportivo na sociedade da Corte, a partir da fundação das pioneiras agremiações esportivas da cidade: o Club de Corridas e a Sociedade Recreio Marítimo. Todavia, o que terá ocorrido antes? Que importância teriam as primeiras experiências da nova prática que também há pouco tempo se estruturara no continente europeu?²²

Para responder essas questões, devemos ter em conta um debate conceitual. Se formos adotar, como têm feito alguns pesquisadores,²³ a ideia de Pierre Bourdieu de que, como fenômeno moderno, o esporte (ou melhor, o campo esportivo) tem necessariamente algumas

características que devem ser consideradas (calendário relativamente autônomo, corpo técnico profissional, entidades representativas, um mercado multifacetado), não seria possível considerar *stricto sensu* como esportivas as manifestações que no Rio de Janeiro ocorreram antes das criações dos clubes.

Todavia, há que se ter em conta as peculiaridades as peculiaridades da prática esportiva. Ainda que existam fenômenos análogos em momentos anteriores, é possível dizer que o esporte é uma “invenção” britânica que se delinea na transição dos séculos XVIII e XIX. O seu espriar pelo planeta, pelo menos inicialmente, se deve em grande parte ao papel protagonista que a Inglaterra ocupou no cenário mundial no decorrer do século XIX.²⁴

Pioneira na adoção de parâmetros “modernos” de organização política e social, terra por excelência da Revolução Industrial, proprietária da maior marinha do mundo, a presença da Inglaterra, nas mais diferentes localidades teve como um dos desdobramentos a difusão de práticas culturais, entre as quais o esporte.

O que ocorre é que nos diferentes locais nos quais a prática chegou, seu percurso foi muito diferenciado. As condições de conformação não foram as mesmas em cada caso, ainda que existam algumas características sociais em comum: o desenvolvimento de uma cultura urbana, a valorização dos entretenimentos, a adesão a discursos de “progresso”.

No Brasil, mesmo que não houvesse, antes dos anos 1850, uma completa estruturação do campo esportivo (nos termos de Bourdieu), as experiências promovidas seguiriam ditames semelhantes aos observados no cenário europeu, inclusive por terem sido organizadas por estrangeiros no Brasil estabelecidos? Vale a pena atentar ao que propõe Melo:

O esforço a ser entabulado, portanto, não é o de buscar as origens, mas sim situar de que momento estamos falando, a partir da compreensão de

que nesse percurso, que atendeu em cada instante a condições históricas específicas, os conceitos carregam marcas da continuidade e da ruptura.²⁵

Tendo em conta essas observações iniciais, este artigo tem por objetivo discutir as representações veiculadas sobre as experiências esportivas no Rio de Janeiro organizadas na primeira metade do século XIX. No recorte temporal adotado, 1825 a 1851, foram promovidas corridas de cavalos e regatas melhor estruturadas, antes e depois da fundação das já citadas pioneiras agremiações esportivas.

No que tange ao fato de haver poucos estudos sobre o esporte na primeira metade do século XIX, devemos considerar, no caso brasileiro, entre outros motivos, a dificuldade de acesso às fontes. Até recentemente, os periódicos somente podiam ser consultados, de forma presencial, em acervos que possuem muitas limitações. As agências do campo esportivo, em geral, não possuem arquivos bem organizados e/ou disponíveis.²⁶ Além disso, em outros centros de documentação (públicos e privados), não é fácil encontrar material sobre o tema.

Nos últimos anos, esse quadro tem discretamente mudado. Os investimentos de alguns pesquisadores e a sensibilização dos profissionais responsáveis pelos repositórios têm resultado em maior possibilidade de acesso a documentos sobre o assunto. Alguns clubes já até mesmo estruturaram centros de memória.²⁷ Ainda mais importante, a Hemeroteca Digital Brasileira, coordenada pela Fundação Biblioteca Nacional, facilitou a obtenção de informações publicadas em periódicos, não somente por tornar mais confortável a consulta aos títulos, como também pelo mecanismo de busca disponibilizado, bastante útil dadas as características das produções do século XIX.

Neste estudo, fizemos uso desse recurso, como fontes utilizando revistas e jornais publicados no Rio de Janeiro no período investigado. Além disso, foram consultados relatos de viajantes que na cidade estiveram no momento em tela, bem como dicionários de língua

portuguesa lançados nos séculos XVIII e XIX. As informações coletadas foram trabalhadas como representações cuja materialidade foi considerada.

Para concluir esse introito, penso ser relevante explicitar que este artigo dialogou, em alguma medida, com o estudo de Melo.²⁸ O autor sugere que pode ser de grande utilidade uma história do conceito esporte, indicando que deveríamos discutir as peculiaridades de sua “tradução” no Brasil. Chama a atenção, a partir de Koselleck, que não se trata de um esforço puramente etimológico: é “teoricamente errônea toda postura que reduz a história a um fenômeno de linguagem, como se a língua viesse a se constituir na última instância da experiência histórica”.²⁹ Melo lembra o que infere Jasmin:³⁰

o conceito, portanto, aparece como fenômeno da linguagem com conseqüências para “fora da linguagem”, porque conforma a própria vida histórica, enquanto elemento fundamental da disputa política. A afirmação de um conteúdo – de um conceito – é a vitória de um determinado projeto, de uma determinada maneira de ver as coisas.

Este artigo não pretende ser uma história do conceito *sport* no Brasil, mas pretende também dar uma contribuição para que no futuro possamos entabular esse esforço, o entendendo como relevante a partir do que sugere Pereira:

O estudo conceitual pode servir para indicar à história social aqueles conceitos que podem servir como categorias formais de conhecimento por sua capacidade de significar permanências estruturais. Da mesma forma, pode mostrar significados que já não correspondem a nenhuma realidade, a estados de coisas que já se extinguiram.³¹

A palavra *sport*, no Brasil, somente passou a ser de uso corrente a partir dos anos 1850. Quando isso ocorreu, já havia uma experiência esportiva em andamento. Inferimos que compreender esses momentos

iniciais pode trazer boas contribuições para que entendamos melhor os diferentes arranjos do objeto, suas permanências e rupturas.

Os ingleses, o *club*, o *sport*

O *club* é uma forma de organização social relativamente recente. Embora a palavra exista desde o século XIII, é somente na Inglaterra do século XVIII que ganhou a acepção de associação de pessoas para um fim em comum. Estruturou-se como uma importante base de conformação da sociedade civil, ao redor do qual se delinearão múltiplas identidades (de categoria profissional, de classe, nacional, regional, local, entre outras). Como sugere Soares:

se tornaram os microcosmos de uma rica experiência cultural que, excluindo os excessos de zombaria, do deboche, da obscenidade, refletiu algumas das principais características do movimento ilustrado na Inglaterra, sobretudo naquilo que se relacionava à disseminação de um ideal de liberdade, tolerância, polidez, civilidade e refinamento social.³²

Da Inglaterra, a experiência se espalhou para o mundo. O surgimento de clubes em várias localidades refletiu algumas das principais mudanças políticas e culturais ocorridas no século XIX: “o período em que se questiona a vida mundana aristocrática, ou ao menos se desafia o seu monopólio, é também o período em que a sociabilidade igualitária aparece e se instala”.³³ Por isso, Agulhon o considera como um personagem histórico:

Uma evolução progressiva da sociabilidade se manifestará, então, na aparição de associações voluntárias (o partido, o clube, por oposição à família, ao trabalho, ao Estado) cada vez mais numerosas e diversificadas, e, por outro lado, na passagem de um estágio informal (jovens futebolistas em um terreno baldio) a outro formal (clube esportivo).³⁴

Esse processo também ocorreu no Brasil. Nos anos 1830, percebe-se uma “proliferação das associações civis”³⁵ na cidade do Rio de Janeiro.³⁶ Não se tratava, a princípio, de clubes destinados ao entretenimento, mas já em meados da década surgiriam as pioneiras sociedades dançantes,³⁷ que rapidamente se multiplicariam, *pari passu* com o crescimento do número de agremiações dos mais diversos perfis. Segundo Fonseca,³⁸ entre 1844 e 1899, 640 associações foram citadas no Almanak Laemmert, muitas delas recreativas, algumas esportivas.³⁹

Antes desses clubes, em solo brasileiro, os britânicos foram responsáveis por promover as primeiras experiências esportivas, relacionadas a seus interesses de desfrutar práticas que já faziam parte de seu cotidiano, minimizando as dificuldades de viver em um país tão distinto. Além disso, como já ocorria na Inglaterra, esses eventos estabeleciam mecanismos de distinção, importantes dado a sua condição na cidade.⁴⁰

Deve-se ter em conta que, desde 1808, e durante um bom tempo no decorrer do século XIX, os ingleses ocuparam importante espaço na sociedade fluminense.⁴¹ Gilberto Freyre, já em 1948, percebe que não eram positivas as representações sobre os britânicos na capital estabelecidos. Lembra o sucesso de uma peça de Martins Pena, *O Inglês Maquinista*, na qual eram retratados como: “pouco dotado de potência sexual ou excessivamente frio com as mulheres, sempre abandonadas pelo esporte e pelas bebidas, pelas máquinas e pelos livros”.⁴² Além disso: “Os estrangeiros, (...), formavam uma sociedade à parte e seus divertimentos eram os passeios de cavalos ou a pé pelos pontos pitorescos do Rio e arredores, as contínuas visitas de cortesia entre si, piqueniques, recepções, jantares, e bailes (...)”.⁴³

Mesmo assim, sua presença se fez sentir nos mais diferentes aspectos: a “preponderância econômica dos britânicos não poderia deixar de transbordar, como transbordou, noutras zonas ou esferas de

influência”.⁴⁴ Não se deve desprezar a importância dos franceses, nem tampouco de outros europeus que chegavam ao país pelos mais distintos motivos (como alemães e italianos), mas deve-se reconhecer o papel dos ingleses na formação cultural do Brasil: estiveram “ligados como nenhum outro povo aos começos de modernização das condições materiais de vida do brasileiro: das condições de produção, habitação, transporte, recreação”.⁴⁵

Vamos dialogar com os olhares de um inglês que no Brasil se estabeleceu. Graham Eden Hamond esteve pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1825, comandando a nau que transportou o embaixador britânico responsável por negociar o reconhecimento de Portugal à independência brasileira (Charles Stuart). Posteriormente, entre 1834 e 1838, novamente na cidade viveu, na condição de almirante em chefe da esquadra do Atlântico Sul.⁴⁶ Entre as suas descrições do cotidiano, encontramos alguns indícios das atividades esportivas organizadas pelos seus conterrâneos.

Correm os cavalos

A primeira vez que o tema aparece nos diários de Hamond é nas anotações relativas ao dia 31 de julho de 1825:

De todos os dias da semana quem, na Inglaterra, suporia que domingo seria o favorito para esse divertimento? Aqui, entretanto, esta manhã bem cedo, estavam sendo feitos os preparativos para uma corrida de cavalos, e a arenosa praia de Botafogo tornou-se, desde logo, um cenário animado.⁴⁷

Para o britânico, parecia estranho que seus conterrâneos abrissem mão de seus hábitos religiosos.⁴⁸ De toda forma, ele marcou presença e observou que ao evento compareceu muita gente de “todas as classes de povo”.⁴⁹ Informações semelhantes encontramos em um periódico: “A praia apresentava uma interessante vista, o grande numero de cavaleiros,

de seges, e de embarcações faziam um todo aparatoso”.⁵⁰ Mesmo que Botafogo se localizasse relativamente distante do centro,⁵¹ as corridas de cavalos entusiasmaram a população.

Os ingleses compareceram em peso, entre os quais o embaixador Charles Stuart e o cônsul Henry Chamberlain. Autoridades brasileiras também prestigiaram a ocasião, como Francisco de Assis Mascarenhas (Conde de Palma), Luis José de Carvalho e Melo (Visconde de Cachoeira, ministro das relações exteriores), e Clemente Ferreira França (Visconde de Nazaré, ministro da Justiça). Honraram ainda o evento a Imperatriz D. Leopoldina e o Imperador D. Pedro I.

George Eyre, na ocasião contra-almirante e comandante em chefe da marinha britânica na América do Sul, desempenhou papel protagonista na organização das corridas, inclusive acolhendo as autoridades em sua residência.⁵² Em frente a essa casa se estabeleceu o local de chegada das provas, disputadas na areia da praia. A largada foi dada na altura da rua São Clemente.

Entre os convidados, provavelmente graças à amizade com George Eyre, estava Marta Graham. Segundo sua apreensão, os ingleses decidiram organizar o evento para reunir a colônia em homenagem à chegada de Charles Stuart.⁵³ Ela destaca a presença de D. Pedro I, que “nunca falhava nessas ocasiões”⁵⁴ e era amante dos cavalos e da equitação, e de D. Leopoldina, que, além de apreciar o contato com os estrangeiros, podia momentaneamente fugir dos conflitos que a cercavam no Paço,⁵⁵ em função das ações de Domitila de C. Canto e Melo (Marquesa de Santos) junto à Casa Real, responsáveis inclusive pelo afastamento da britânica das funções palacianas para a qual fora convidada.

Algo dessas tensões transparece nas palavras da britânica sobre o evento:

Quando o carro do Imperador fazia a curva para se colocarem em posição, suas Majestades cumprimentaram o grupo do Almirante, e,

depois, Dom Pedro, com sua voz poderosa, ordenou-me que me aproximasse e falasse à Imperatriz, já que ela iria se colocar demasiado longe para que se pudesse ouvir a sua voz. Não era uma ordem que pudesse ser desobedecida. Fui, e após seu habitual aperto de mão e o “How d’ye” (em inglês), fui forçada a acercar-me da Imperatriz, lado a lado no carro, onde tive com ela uma curta conversa, tal como o tempo e o lugar me permitiam.⁵⁶

Para Graham, esse fato serviu como sinal de reabilitação social, pois sua demissão da função de governante, após cerca de somente um mês de trabalho, repercutirá mal nos círculos que frequentava, tanto mais seus comportamentos eram por alguns considerados como exóticos para uma mulher:

Voltei ao meu grupo, onde encontrei o Almirante não pouco espantado, alguns de seus oficiais encantados, e Sir Charles Stuart, divertido pela delicadeza demonstrada para com a ex-governante. Sir Charles disse-me alguma coisa para me significar que não era preciso que eu afirmasse não ter deixado o Paço por causa de nenhum desentendimento pessoal ou aborrecimento, pois que Suas Majestades haviam determinado declarar cabalmente isto para mim.⁵⁷

Vejamos que, já nesses momentos iniciais, as corridas de cavalos desempenhavam uma função que vai marcar sua trajetória na cidade: a de arena pública, no qual se dramatizavam os papéis sociais, onde a Corte desfilava. A população identificava os mais poderosos, inclusive a família real. As elites se encontravam e teciam suas alianças e acordos. Estrangeiros e nacionais viviam um simulacro de “civilização”.

Os ingleses eram os donos da maior parte dos cavalos que tomaram parte nas provas, conduzidos por populares que ganhavam alguma recompensa financeira. Sabemos, por exemplo, que venceu o primeiro páreo o cocheiro de Lord Cochrane, que andara pelo Brasil contratado pelo governo para consolidar a independência no norte e nordeste do país.⁵⁸

O Império do Brasil: Diário Fluminense assim resumiu o evento, adendendo outra dimensão que sempre estará relacionada à modalidade, uma indicação da possível contribuição da prática para o país:

Este divertimento, que já não é novo entre nós, pode ter um bom resultado para o Brasil, (...) se nossos compatriotas com ele se entusiasmarem, como fazem os Ingleses, haverá mais cuidado que até agora sobre as raças de cavalos, objeto que nos tem sido até hoje indiferente.⁵⁹

A matéria sugeriu que já houvera na cidade provas semelhantes. De fato, aproximadamente três semanas antes se anunciara: “No domingo, 12 do corrente, das duas horas às quatro da tarde, na praia do Bota Fogo, há de haver quatro corridas de quatro cavaleiros, os cujos fizeram suas apostas”.⁶⁰ No primeiro páreo, cuja aposta foi de 100\$000, saiu vitorioso o cavalo do britânico James Manoley. O segundo, com aposta de 50\$000, foi vencido por um animal de Manoel Algarve.

As apostas são outra importante marca do desenvolvimento do turfe na capital, uma das persistências que, no futuro, será, em certa medida, responsável pela manutenção da modalidade, ainda que também por muitas críticas. Com o decorrer do tempo, elas se tornariam um dos grandes atrativos de público.⁶¹

A afluência da assistência, aliás, parece ter sido notável no evento de 12 de julho, entusiasmando o jornalista: “A concorrência de curiosos foi grande, e nas pessoas que corriam no mesmo lugar, apareceram lindas senhoras soberbamente trajadas, e em belos cavalos”.⁶² A presença de mulheres merece destaque, antecipando em algumas décadas algo que se tornaria muito comum. O esporte será uma das práticas que mais contribuirá para uma maior visibilidade feminina na cena pública.⁶³

Interessante é a posição de O Spectador Brasileiro, conclamando o governo a estimular tais atividades. O argumento central é o já citado benefício que as corridas poderiam trazer para o aperfeiçoamento da raça

dos cavalos nacionais, livrando o país da dependência da importação de bons animais. Além disso, lembra a matéria, como se esgrimisse um argumento definitivo, a Inglaterra e a França já teriam percebido as potencialidades do turfe.⁶⁴

O mesmo periódico voltou a tocar no tema algumas edições depois, com uma nota da lavra do editor, o francês Pierre René François Plancher de la Noé, futuro criador do Jornal do Comércio:

O Rei da França e S. A. R., o sr. Duque de Angouleme, manifestou em todas as circunstâncias o vivo interesse que tomavam as carreiras públicas de cavalos, (...), e acaba de dar uma prova da sua proteção, instituindo em favor delas dois prêmios.⁶⁵

Para o jornalista, que tinha posições mais moderadas no complexo quadro político do pós-independência:

Não há dúvida que se o Governo Brasileiro empregasse os mesmos meios que se usam em França e Inglaterra, em pouco tempo poderiam nossos cavalos rivalizar com os melhores da Europa, pela bondade, pela força e pela elegância das formas. Esta consideração e o benefício que resultaria para o Governo e os indivíduos deste novo gênero de indústria, é digna de atenção de um Governo tão ativo e benfazejo como aquele, debaixo do qual temos a fortuna de existir.⁶⁶

Utile dulce: essa será uma expressão constantemente utilizada na trajetória do turfe em terras nacionais. Sem deixar de ser um divertimento, a prática era compreendida como um contributo para as necessidades da nação, tanto as ligadas à economia quanto às relacionadas à formação societária.⁶⁷

As corridas de 1825 merecem destaque pelo padrão de organização, superior a de algumas experiências anteriores. Por exemplo, na Gazeta do Rio de Janeiro, em maio de 1814, assim se anuncia: “Segunda feira, 30 do corrente, fazem-se carreiras na praia do Bota Fogo (pela manhã, às horas que permitir a marê) por prêmio de uma taça de

prata do valor de 100000 réis; e logo depois, entrará quem quiser, n'outra carreira por prêmio de uma bolsa de ouro".⁶⁸

Outro indício encontramos no livro do britânico John Luccock sobre suas experiências no Brasil, onde permaneceu entre 1808 e 1818. Ao comentar o aspecto da enseada de Botafogo, observa, em 1813: "Dela usam os banhistas e também a escolheram para corridas de cavalos, instituídas à imitação das inglesas".⁶⁹

Essas ocasiões não parecem ter tido a mesma repercussão das provas de 1825, ano em que pelo menos mais um evento foi promovido:

As corridas na praia do Botafogo não puderam ter lugar no dia destinado por não haver cavalos suficientes entrados, mas terão lugar impreterivelmente no dia 2 de outubro, pelas 11 horas da manhã, pois já se acham entrados quatro cavalos para cada corrida.⁷⁰

Mesmo que ainda carecendo de uma maior estruturação, essas ocasiões ajudaram a criar uma ambiência para o turfe. Devemos lembrar, aliás, que os cavalos não eram estranhos ao cotidiano, não só por serem costumeiros meios de transporte de pessoas e cargas, como também por certos divertimentos, como cavalcadas e touradas, que existiam na cidade desde o século XVIII.⁷¹

Vale considerar também que um mercado modesto começou a se gestar ao redor da prática. Nem todo cavalo era adequado para participar das provas, e logo surgiram alguns anúncios em que isso se tornou um destaque: "Quem quiser comprar oito cavalos, boas parelhas, para segas ou corridas, dirija-se à casa junto a Leonardo Antonio, (...), o preço é cômodo".⁷²

Além disso, alguns termos técnicos começam, mesmo que timidamente, a fazer parte do linguajar popular. Por exemplo, tornou-se mais comum o uso de *racers* e *chargers* para designar os cavalos adequados às corridas. No futuro, o vocabulário do turfe invadirá os mais diversos âmbitos da cidade.⁷³

Outros *sports*

Voltemos aos diários de Graham Hamond. Como vimos, ele retornou ao Rio de Janeiro em 1834, já encontrando uma capital melhor estruturada e mais dinâmica, embora o país estivesse ainda passando por tensões diversas, que diminuiriam na década seguinte, a partir da assunção de D. Pedro II ao trono. Em 1825, era comum o britânico observar que nas festas e reuniões que frequentava havia “grande número de ingleses e franceses, mas nenhum brasileiro”.⁷⁴ Já na sua segunda estada na cidade, percebe maior relacionamento e compartilhamento de experiências sociais.

Um desses locais de interrelação eram os clubes que se organizavam na cidade. *Habitué* das sociedades dançantes que se fundaram (a Bailes do Catete, a Assembleia Estrangeira e a Sociedade Praia Grandense, essa última em Niterói),⁷⁵ Graham lança um olhar elogioso sobre esses novos espaços.

Nesse segundo momento, Graham não registra nenhuma corrida de cavalos em seus diários. Pelos jornais, de fato, percebe-se que, na ocasião, eram muito eventuais as provas, embora tenha aumentado o número de informações sobre o turfe nos países “civilizados”.

Outra modalidade, todavia, aparece em suas anotações: “Soube que nas vizinhanças de São Cristóvão haverá um jogo de cricket, mas, infelizmente, não poderei ir porque fiz convites para jantar. Há grande interesse no jogo e lamentarei não ter ido”.⁷⁶ Os britânicos continuavam se organizando para manter os hábitos de seu país de origem: “Aguardava-se, com o feriado de hoje, um grande jogo de cricket por jogadores ingleses, mas a chuva não permitiu”.⁷⁷

Assim como ocorria com turfe, a não organização de clubes impedia uma maior sistematização da prática do cricket.⁷⁸ Naquela primeira metade do século XIX, outra modalidade também se ressentia

do mesmo para se estruturar: o remo. Os desafios de canoas se tornaram grandes atrações em uma cidade na qual progressivamente a população passava a ocupar mais as praias, a princípio por motivações médicas, posteriormente também por razões de entretenimento, um sinal dos avanços nos costumes.⁷⁹

Um desses desafios teve grande repercussão. Em 1846, as canoas Lambe-Água e Cabocla cruzaram a Baía de Guanabara, saindo de Jurujuba (Niterói) e chegando na praia de Santa Luzia (Rio de Janeiro):

Era de se esperar a notável concorrência que ontem afluíu à praia de Santa Luzia, para assistir emocionada ao desafio (...). Grande era a ansiedade entre a multidão, que já ao longe divisava a luta homérica entre as rivais, a qual se decidiu afinal a favor da Cabocla, cuja guarnição foi carregada em triunfo pela mocidade alegre e festiva.⁸⁰

Outro desafio, dessa vez mais estruturado, que ganhou notoriedade na cidade foi disputado em julho de 1849, na enseada de Botafogo. Organizou o evento João Manoel de Azevedo Corte Real, comerciante e despachante da Alfândega.⁸¹ Foram realizados cinco páreos, disputados por quatro barcos pintados com cores distintas (Atalanta, Esmeralda, Mistério e Pérola), conduzidos por amadores nacionais e estrangeiros. Adolfo Morales de los Rios Filho informa que houve até mesmo uma prova em que competiram “pretos remadores”.⁸² A população, uma vez mais, compareceu em peso.

O remo tinha um diferencial em relação ao turfe: a maior valorização da prática de exercícios físicos, que se tornavam paulatinamente valorizados por sua relação com a saúde, uma preocupação crescente em função do conjunto de mudanças pelas quais passava a cidade. As iniciativas se tornaram urgentes devido às diversas epidemias que começaram a acometer a capital.⁸³

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (em 1835 transformada em Academia Imperial de Medicina), as revistas médicas,⁸⁴

a Faculdade de Medicina (notadamente nas teses dos que buscavam se doutorar) e mesmo jornais de grande circulação já tratavam mais comumente do tema da educação física. *Pari passu* com a melhor estruturação da burocracia estatal, tal preocupação começou a se materializar em ações governamentais.⁸⁵ A infância e juventude eram o foco principal. O remo logo seria exaltado pelos possíveis benefícios que poderia trazer para a mocidade brasileira.

Enfim, naqueles meados do século XIX parecia haver melhores condições para que o campo esportivo começasse a se consolidar na capital do Império.

Uma nova circulação de termos

Nesse processo de conformação do campo esportivo no Brasil, um aspecto a destacar é a circulação de termos ligados à prática e aos exercícios físicos como um todo. Vejamos como isso se refletiu nos dicionários de língua portuguesa, começando pela palavra “athleta”, que está presente já no fundante “Vocabulário português e latino” de Raphael Bluteau (publicado entre 1712 e 1728).⁸⁶

Nesse e nos seguintes dicionários,⁸⁷ o termo tem uma dupla conotação, literal e figuradamente ligado à ideia de luta: aquele que participa fisicamente de combates ou o que se envolve em grandes causas. Nessas obras, as mudanças se referem aos derivados “athletico” ou “athletica”, ao redor dos quais se estabelecem definições como forte, robusto e até mesmo nervoso.

É no “Novo dicionário da língua portuguesa”, de Eduardo Faria (1850), que podemos identificar uma mudança mais denotada. Sem abandonar as ideias anteriores, mais explicitamente também se define “athleta” como: “homem robusto e destro nos exercícios do corpo”.

Essa obra merece destaque por estar claramente sintonizada com os avanços nos debates acerca das atividades físicas. Isso é claramente

perceptível em outros verbetes, como “gymnastica” (“parte da higiene que trata de todos os exercícios e da influencia destes sobre os animais”), e “exercício” (que definitivamente incorpora as práticas corporais na definição). O termo “educação” também menciona os cuidados com o corpo por meio de “exercícios convenientes”; a relação com a saúde é explícita.⁸⁸

Essa linha de definição do verbete “athleta”, na qual o grau de atividade física é ressaltado, é ampliada no “Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa”, de Domingos Vieira (1871), e no “Dicionário contemporâneo Caldas Aulete”, de Santos Valente (1881). O que se pode dizer é que o termo se estabilizara, somente se percebendo mudanças já no século XX, quando perdeu a conotação de lutador por uma causa e passou a ser utilizado unicamente para definir o praticante de exercícios físicos, notadamente aqueles que apresentam bom desempenho em suas modalidades.

Vejamos como os jornais mobilizaram o termo no Rio de Janeiro da metade inicial do século XIX. A primeira vez que identificamos a utilização da palavra, em 1824, foi em uma matéria sobre a necessidade de se instituir uma universidade no Brasil. “Robustos *athletas*”⁸⁹ é usado como sinônimo de guerreiro. O mesmo sentido é perceptível alguns anos depois, quando se elogia Luiz Pereira Nóbrega de Souza Coutinho por seu envolvimento no percurso da independência do país: “incansável *athleta* nas coisas da pátria”.⁹⁰

Notadamente ligada a fatos e personagens da política, essa foi a ideia majoritária com que o termo foi mobilizado no período, mesmo quando se aproximava de um sentido mais literal de luta física. Sobre um debate parlamentar, ironizou um leitor: “apaixonado, como sempre fui, por ver dois *athletas* pelejar, arrastei uma cadeira, sentei-me e prestei atenção”.⁹¹

O termo foi explicitamente relacionado aos exercícios físicos no artigo “Longevidade Brasileira”, publicado na Revista Médica Fluminense. Começava a ser propugnado um novo uso do corpo, e isso se refletia na valorização de novas práticas, em função da qual se recuperava um suposto passado glorioso na Antiguidade Clássica:

Os gregos faziam deste ultimo meio uma aplicação tão feliz para o restabelecimento da saúde (...), muito cooperaram para que a útil arte da ginástica chegasse entre os antigos a um grau tão grande de perfeição. Com ela, eles não só tinham por fim aumentar as forças e formar *athletas*, como também desenvolver as sublimes facultade d’alma, dando mais vigor a todos os órgãos.⁹²

A ideia de obrigação que caracteriza a apropriação do termo nos posicionamentos médicos vai mesmo, a princípio, em certa medida, afastá-lo dos sentidos originais que marcavam a palavra *sport*. Vejamos como a definem os já citados dicionários de língua portuguesa.

No Vocabulário de Bluteau (1712-1728) não existe o termo “sport”, mas sim “desporto”, definido como “divertimento”. No dicionário de Antônio de Moraes e Silva (1789), o mesmo verbete é apresentado como “recreação” (que por sua vez significa “prazer, passatempo, alívio do desgosto, do trabalho”).

Uma pequena novidade surge no Moraes e Silva de 1823: o verbete “deporte”, da mesma forma definido como divertimento. Depois disso, somente na obra de Henrique Brunswick (1882)⁹³ percebe-se uma relevante mudança, que aproxima o termo dos sentidos que estavam já delineados para “athleta”. Assim se considera “desporto”: “Divertimento, recreio. Qualquer exercício corporal ao ar livre (para recreio, ou demonstrar agilidade, destreza ou força); *sport*”.

Mesmo com essa maior proximidade entre as definições de “desporto”/*sport* e “athleta”, durante muitos anos *sportman* seria a palavra utilizada para designar não somente o praticante como qualquer um envolvido com o campo esportivo, inclusive os que organizam os

eventos (atualmente chamados de dirigentes) e os assistentes (hoje denominados de torcedores).⁹⁴

A citação no dicionário da já socialmente consagrada palavra em inglês indica um “desvio” no antigo verbete “desporto”, que no futuro será utilizado exclusivamente para definir o objeto *sport*. No Brasil, mais ainda, será criado um novo termo, já registrado no “Novo dicionário da língua portuguesa, de Cândido de Figueiredo” (1913): “Esporte. Neologismo. Prática metódica de exercícios físicos”.

Na verdade, devemos ter em conta que a maior parte desses dicionários citados são de origem portuguesa. Quando começaram a surgir obras dedicadas ao “português brasileiro”, os neologismos relacionados ao esporte tornaram-se mais usuais, algo que tem relação com a diferença da força do fenômeno em cada país naquela transição de séculos XIX e XX.⁹⁵

Nos jornais e revistas, o termo “sport”, de fato, somente se tornou usual na década de 1850. Uma das primeiras vezes em que a palavra apareceu foi no *Correio da Tarde* de 4 de março de 1852, numa matéria em que se elogia a prática: “Graças à paixão eminentemente britânica pelos exercícios do *sport*, a um exército inglês nunca faltou oficiais cheios de ardor e dotados das qualidades naturais exigidas para o serviço do estado-maior”.⁹⁶

Vejamos que há alguma semelhança com a própria trajetória do termo “club”, que só aparece pela primeira vez no dicionário de Eduardo Faria (1850), definido como junção de pessoas com um fim único. Anteriormente, já existia a palavra “assembleia”, com sentido similar, na qual claramente se considerava a ideia de diversão. É na obra de Henrique Brunswick (1882) que “club” é apresentado unicamente como “sociedade recreativa”. Paulatinamente, o antigo “assembleia” vai deixar de se referir a questões do entretenimento.

Enfim, percebe-se que é também a partir dos anos 1850 que os registros linguísticos vão indicar a nova prática social em delineamento. Falemos daquela instituição que definitivamente marcou o início de sua consolidação: o clube.

O Club de Corridas

Em março de 1847, uma nova sessão de corridas de cavalos foi organizada, dessa vez na praia Vermelha. A percepção de que a cidade aguardava com ansiedade o evento estimulou os promotores a comunicarem o desejo de consolidar a modalidade na sociedade da Corte, decisão celebrada por certos setores como indicação de que avançavam os costumes na capital.

No comunicado publicado no *Jornal do Comércio*,⁹⁷ usou-se como argumento principal para justificar a iniciativa a “decadência gradual da raça dos cavalos”. A ideia era instituir as corridas, entre os meses de maio e agosto, em um lugar a ser adquirido por um conjunto de “sócios”. Pretendia-se “emitir 100 ações de 100\$ rs, cada uma transferível por venda”. Os recursos seriam gerenciados por “um tesoureiro e uma comissão” que seriam “nomeados entre os acionistas” para encaminhar o alcance dos intuitos. Isso é, havia explicitamente a intenção de criar uma agremiação, cujos estatutos seriam inspirados no Clube de Newmarket, da Inglaterra.⁹⁸

Há indícios de que o futuro Duque de Caxias teria se tornado um dos primeiros dinamizadores do Club de Corridas, provavelmente por ter incentivado a importação de “puros-sangue” ingleses.⁹⁹ Em maio de 1848, identificamos que João Pereira Darrigue Faro - Visconde do Rio Bonito, fazendeiro e importante político -, convocou uma assembleia dos acionistas, a ser realizada no já prestigioso Cassino Fluminense (na sede da rua do Passeio),¹⁰⁰ tendo como pauta “a compra do terreno e discussão dos estatutos”.¹⁰¹

Uma diretoria é eleita em 1849, com Faro na presidência. Leopoldo Augusto da Câmara Lima (Barão de São Nicolau), Mariano Procópio Ferreira Lage (importante engenheiro e político), Henrique Harper (conhecido comerciante), entre outros, um misto de nacionais e estrangeiros, integravam a direção, que tomou ações mais concretas no sentido de viabilizar o funcionamento da agremiação.

O terreno no qual o hipódromo do Club foi instalado se localizava entre o Engenho Novo e Benfica. A construção foi acompanhada com expectativa pela população e pelos acionistas, entre os quais se encontravam João Guilherme Suckow, que viera ao Brasil para atuar no Exército e era dono de empresas de transportes (com o uso de cavalos), e Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, o Visconde de Santa Teresa, notório militar do Império.¹⁰²

Enquanto o novo Prado não ficava pronto, corridas nos antigos moldes seguiram sendo organizadas.

Sexta-feira, 19 do corrente, dia de grande gala, às quatro horas da tarde, na praia Vermelha, haverá grande corrida de cavalos, com os melhores cavalos que existem na Corte, sendo a primeira entre o conhecido cavalo Tyrano e o Sappoa; a segunda será entre Malacarinho e o russo Tossedinha, e depois mais três corridas entre cavalos mais inferiores.¹⁰³

Tardaria ainda um ano para que se anunciasse, para 1 de novembro de 1850, as atividades inaugurais do Club de Corridas, a serem realizadas no seu hipódromo, o Prado Fluminense. A notícia procurava explicitar que seriam seguidos todos os regulamentos das “corridas inglesas ‘best of heats’”, fiscalizados pelo “Clerk of the course” (isso é, o responsável por todos os procedimentos técnicos do evento). Os cinco páreos já foram anunciados no modelo usual do turfe:

1º prêmio de 400\$000

Esta corrida será feita por cavalos do país, circundando o Prado uma vez. A entrada será de 40\$000; falta de cumprimento perde metade.

Cinco cavalos devem partir, em caso contrário não haverá corrida. Jóqueis brancos¹⁰⁴ vestidos segundo o regulamento. O ganhador pagará 40\$000 para despesas da sociedade.¹⁰⁵

O anúncio desencadeou algumas críticas bem humoradas: o público ainda não estava habituado à linguagem do turfe, e reagiu por não entender bem exatamente do que se tratava, ainda que estivesse claro que corridas de cavalos seriam disputadas.

No Periódico dos Pobres, um diálogo ironiza o estranhamento: “- Mestre, então temos em breve corrida de cavalos? Segundo anuncia o jornal todos os dias, será à inglesa a corrida?; - Não lhe posso dizer nada a respeito, porque os anúncios estão um pouco fosfóricos e pouco inteligíveis”.¹⁰⁶ Criticava-se ainda a ameaça de matar os cachorros que invadissem o Prado, constante na divulgação: “- Já se vê que isso é um divertimento moral, e muito moral para quem perder um animalzinho que tenha em estimação. (...); - São invenções, tia Fagundes, para se ganhar alguns prêmios”.¹⁰⁷

Sendo um evento dirigido por membros das elites, vale perceber como se perspectivou a presença de populares, que já tinham demonstrado interesse nas ocasiões anteriores e eram mesmo importantes nessa nova dinâmica “empresarial”. Não era simples manter as corridas em função dos custos, até mesmo porque havia ainda uma notável inexperiência dos promotores. Futuramente, isso chegaria a por em xeque a continuidade da modalidade.¹⁰⁸

Os ingressos não eram mais caros do que os de outros entretenimentos que existiam na ocasião (como circos e touradas). A entrada mais barata custava 1\$000, enquanto veículos de 2 rodas pagavam o dobro (e os de quatro rodas, o quádruplo). Todavia, se observa: “Pessoas descalças serão proibidas de entrar dentro do Prado (...)”. Havia, portanto, alguma forma de restrição.

No que se refere aos jóqueis, normalmente funcionários dos donos dos cavalos, deixava-se claro: aquele que “cometer qualquer falsidade, mesmo ganhando, a corrida ficará sem efeito, e ele será expulso do Prado e vedado de correr mais”.¹⁰⁹ Há uma importante observação: ao contrário das ocasiões anteriores, a maioria dos páreos contou com a participação de animais e proprietários brasileiros.

O evento inaugural não logrou tanto sucesso quanto esperado, inclusive em função de certa desorganização. Esse resultado inesperado acabou por acentuar as dificuldades que o clube encontrava para se manter, até mesmo porque custara mais do que esperado a construção do Prado, que, aliás, foi inaugurado ainda inconcluso. As corridas somente voltariam a ocorrer em 1851, já sob a responsabilidade exclusiva de Suckow, que se tornou o principal responsável pela modalidade na década.¹¹⁰

A Sociedade Recreio Marítimo

Em 1851, funda-se a Sociedade Recreio Marítimo. No final desse ano, Francisco Leão Cohn, filho de negociante francês, militar de destacada carreira, funcionário da Alfândega, secretário do clube, informou que já se contava com 200 sócios e se começava a preparar a primeira regata. Os interessados em competir deveriam se inscrever com o já citado João Manuel Corte Real. Há um diferencial se compararmos com as corridas de cavalos: se estabelecia que amadores deveriam tripular os escaleres.¹¹¹

Os preparativos da regata inaugural passaram a ser acompanhados com expectativa, sendo a data estabelecida a partir da confirmação da presença do Imperador. Além disso, teve-se em conta o perfil dos associados para definir o dia 1 de novembro de 1851. Embora houvesse trânsitos e coincidências entre os grupos, percebe-se outra diferença entre os envolvidos com o turfe e com o remo:

A escolha do sábado foi determinada por duas razões: a maior parte dos sócios e amadores que têm de entrar nos diferentes páreos pertence à classe do comércio e muitos deles, por princípios religiosos, aos domingos não podem entrar em trabalhos dessa ordem; assim como em dias úteis perde a sociedade a cooperação dessas pessoas que não podiam ser distraídas das operações comerciais.¹¹²

Há duas questões que merecem nossa atenção. A primeira é o limite imposto pela religião: no futuro isso se dissolverá, o esporte se tornará mesmo um concorrente dos cultos, o profano conquistará muitos espaços do sagrado. Na verdade, já naquele ano de 1851, a medida parecia atender mais aos hábitos religiosos de estrangeiros, notadamente de britânicos.

Deve-se também destacar o envolvimento de gente do comércio com a prática de atividades físicas, que, como vimos, no caso do remo era um elemento pronunciado, ao contrário do turfe. Isso será observado em outras ocasiões, como, por exemplo, com as touradas e a ginástica.¹¹³

Como no caso das corridas de 1850, houve grande preocupação em explicar os detalhes técnicos das provas: o horário (em função da condição do mar e do clima), o percurso (tendo em conta o desempenho dos remadores, mas também o público que desejava assistir às contendas), os páreos, disputados por ingleses, alemães, americanos e brasileiros, a maior parte desses ligados à Armada.

Os jornais, aliás, lembravam que os europeus já organizavam regatas com um fim específico: “Nos outros países refutam-se tais funções como incentivos para a construção naval e para a marinha nacional, e os monarcas lhes prestam sua presença e proteção”.¹¹⁴

Uma vez mais vemos a mobilização da ideia de *utile dulce*: tratava-se de um divertimento sim, mas que tinha muitas utilidades para a nação. Uma delas, argumento bem semelhante ao de desenvolvimento da raça de cavalos, seria o aperfeiçoamento da Armada. Seu valor parecia irrefutável: era uma diversão séria.

Isso ajuda a entender que um traço do desenvolvimento esportivo nacional seja a constante presença de militares, os do Exército mais ligados ao turfe, enquanto os da Armada mais ao remo, um quadro que vai se complexificar às vésperas da proclamação da República, quando os civis republicanos relacionavam-se mais ao segundo, preferido daquela Força Armada que se mantivera mais monarquista, na mesma medida em que os civis monarquistas preferiam o primeiro, mais ligados à Força na qual o pensamento republicano floresceu.

No que tange à organização do evento, havia uma notável preocupação: em função das peculiaridades da modalidade, como oferecer condições de confortos aos influentes que comparecessem? A solução encontrada foi: alguns proprietários de casas na praia de Botafogo as ofereceram para recepção; foram cedidas, para acolher alguns convidados, salas do Hospício Pedro II (hoje campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro); uma parte do público se distribuiu por navios a vapor e embarcações a vela, que também demarcavam a raia. Refrescos, boa comida, músicas e danças eram oferecidos como atrativos à parte.¹¹⁵

Chegou a haver um debate sobre os moldes do evento, tendo alguns estranhado o horário (manhã) e o local da raia (na altura da praia da Saudade, hoje ocupada pelo Iate Clube do Rio de Janeiro). Segundo os críticos, o calor e a dificuldade de acesso afastariam os interessados, sendo melhor transferir para a parte da tarde e utilizar a faixa que já estava consagrada pelas corridas de cavalos (o trecho que vai do Caminho Velho, atual Senador Dantas, até a São Clemente): “salvo se o divertimento é exclusivo para os sócios, e o público for considerado intruso nele”.¹¹⁶

O debate antecipa em alguns anos o que se constituirá em outro diferencial do remo em relação ao turfe: o seu caráter supostamente mais popular por ser realizado em um espaço público, em que não era

necessário pagar ingressos. Aliás, a regata de 1851 ocorreu no mesmo local onde a modalidade viveria seu momento áureo, no qual, nos anos iniciais do século XX, seria construído, por Pereira Passos, o Pavilhão de Regatas, a primeira tribuna fixa para a modalidade náutica.¹¹⁷

Atendendo aos pedidos, o horário foi alterado para a tarde. Um conjunto de remadores, todavia, ameaçou não competir, sugerindo que não faria bem fazer exercícios físicos depois de jantar (que na ocasião ocorria ao redor das 14-15 horas). Os jornais criticaram muito tal posição.¹¹⁸ Um dos sócios, que, assina como Remador, defendeu o ponto de vista dos competidores, mas conclamou:

Pedimos-lhes em nome da associação que compareçam, remem, brinquem, dancem, em uma palavra, que não deem cavaco; e aconselhamos-lhes também que finda as festas providencias tomemos em nossos estatutos para que não possam ser eles alterados à vontade da minoria contra a maioria.¹¹⁹

A regata inaugural entusiasmou mesmo um setor da cidade. Às vésperas, a matéria de capa da *Marmota na Corte* (que se apresentava como “jornal de modas e variedades”) é uma expressão dessa expectativa. De início, se elogia um dos dinamizadores do Recreio Marítimo, Angelo Muniz da Silva Ferraz, inspetor da Alfândega e importante político do Império (foi ministro e agraciado com o título de Barão de Uruguaiana), por liderar uma iniciativa que poderia contribuir para solucionar um sério problema da cidade: “A falta de divertimentos públicos e gratuitos”.¹²⁰ Ressaltava-se o fato de que, para comparecer aos eventos náuticos, bastaria apenas arcar com as despesas de “transporte e comestível”.

Para o cronista, merecia ainda destaque o fato de que o divertimento era adequado à presença feminina. Lembrava que Ferraz também era dirigente do Recreação Campestre, outra agremiação que

acolhia bem as mulheres, inclusive em função do grande número de bailes que promovia.

Sendo uma expressão dos “novos tempos”, para o periodista não surpreendeu que a iniciativa contasse com o apoio do Imperador e da família real, que honrariam: “com suas presenças o divertimento da fogosa mocidade nacional e estrangeira”. Para ele: “Assim o Magnânimo Príncipe se mostra o primeiro a interessar-se pelo seu povo, tanto no que lhe é útil, como no que lhe pode ser agradável. Deus o ajude e lhe conserve os dias para que seja o penhor da paz e da integridade do Império”. A celebração, enfim, era intensa:

Como lindo o Botafogo
Não ficará nesse dia,
Vendo correrem de aposta
Muitos botes à porfia!

De carros e segas a praia hordada,
Bordado de moças o cais ficará.
De imensa faluas aquela enseada
Que vista agradável então formará!

Patuscos folgai
Que tendes ensejos
De pordes em prática
Os vossos desejos!

Voar hade a notícia da Regata
Desde o Amazonas
Até o Prata.

Se a expectativa era grande, o resultado não deixou a desejar. O Correio Mercantil dedicou quatro colunas para comentar o evento. Para o cronista, a cidade já tinha “bailes mascarados”, “óperas italianas”, “corridas de cavalos”.; “só nos faltavam na verdade as regatas, que, para ser francos, devemos dizer, consideramos mais úteis (...)”.¹²¹ O momento era mesmo de otimismo:

Somos hoje na verdade o povo mais feliz do mundo! Tudo anda neste belo Rio de Janeiro às mil maravilhas! Divertimentos e mais divertimentos! As sociedades bailantes multiplicam-se, as de música crescem progressivamente, os *soirées* e saraus dão-se de continuo, as corridas de cavalos ao Prado Fluminense, a Regata recreio marítimo!! E até o Pão de Açúcar já serve para um *tour de promenade*, e isto sem falarmos nos nossos dois teatros que com suas portas abertas dão ingresso quase todos os dias aos espectadores destes divertimentos. E que viva o país que nos viu nascer, que vai todo em folia.¹²²

A ideia de *utile dulce* a todo momento veio à tona. Para um jornalista, era urgente desenvolver o espírito marítimo no Brasil, em função de sua imensa costa. Nesse sentido, “nada pode contribuir tanto para esse resultado do que as regatas, que fazem tomar para objeto de divertimento aquilo que em outras ocasiões é considerado pesadíssima tarefa”.¹²³ Os exemplos da Inglaterra, França e Estados Unidos são mobilizados como comprovações dessa utilidade.

Haveria ainda outra grande potencialidade. Como supostamente nossa “raça” seria “naturalmente fraca e indolente”, o remo seria o estímulo necessário para reverter tal situação: “o exercício de remar é um dos mais violentos, porém ao mesmo tempo é um dos que mais desenvolve a força física”. Para ele, com o apoio do governo, a modalidade traria benefícios inegáveis para a população.

Segundo o empolgado cronista, o novo espírito público propugnado pela Sociedade Recreio Marítimo fazia-se sentir já nas embarcações destinadas aos convidados, que conversavam de forma animada, amistosa e respeitosa, inclusive desfrutando da companhia de “belas e elegantes senhoras”.

O aspecto da enseada também chamou sua atenção: eram embarcações diversas ancoradas e muito público espalhado na areia e nas casas da praia de Botafogo. De uma delas, de propriedade do na época Visconde de Abrantes, D. Pedro II e a família real assistiram às competições.¹²⁴



1ª Regata da Sociedade Recreio Marítimo na Enseada de Botafogo em 1º de Novembro de 1851¹²⁵

Entre as provas, parece ter chamado a atenção um páreio em que se enfrentaram equipes de alemães, ingleses, americanos e brasileiros, sagrando-se vencedora, para entusiasmo do público, a guarnição do escaler *Nympha*, que competia com a bandeira do Brasil na proa e na proa. O clima de grande festividade se misturava ao de patriotismo, que chegou a seu auge por ocasião da cerimônia de premiação, quando o hino nacional foi executado em homenagem ao Imperador. Não houve, aliás, prêmios em dinheiro, apenas presentes. Deixava-se claro que eram amadores os competidores.

Segundo os cronistas, comentou-se largamente que foi das maiores celebrações já vistas na capital. Estima-se que mais de 10 mil pessoas tenham comparecido ao evento, elogiado pela organização e animação. Os principais diretores do Recreio Marítimo, os já citados Ferraz e Cohn, bem como Leopoldo Augusto da Camara Lima (Barão de São Nicolau, Guarda-Mor da Alfândega) e Joaquim Marques Lisboa (o futuro Almirante Tamandaré), foram exaltados pelo contributo dado à nação. Para um jornalista, o Brasil finalmente “adquiriu o direito a poder marcar uma época de civilização, de confraternidade, de magnificência”.¹²⁶

A diferença do entusiasmo na narração dos eventos inaugurais dos dois primeiros clubes esportivos que surgiram na cidade não deve ser entendida como preferência da população pelo remo. É antes um indicador de como rapidamente mudou a forma de focar o esporte. Ao redor das corridas de cavalos de 1851, houve empolgação similar à desencadeada pelas regatas.

Na verdade, ainda demoraria alguns anos para o remo definitivamente se consolidar, assim como ocorreu com o turfe. De toda forma, parece possível afirmar que, naqueles meados de século, o esporte já era apreciado pela população, articulando-se com as mudanças pelas quais passava a sociedade da Corte e com alguns importantes temas da nação. O campo esportivo já tinha, ainda que embrionariamente, seus elementos constituintes delineados.

Conclusão

Partindo de uma avaliação da configuração, no Brasil, de um campo profissional de investigação histórica ao redor do esporte, esse artigo procurou se debruçar sobre um dos temas que têm sido pouco abordados na produção recente sobre o tema: os primeiros momentos da prática em terras nacionais, estabelecendo-se a capital como cenário de discussão.

Para tal, partiu-se de um debate conceitual: é possível dizer que eram “esportivas” as experiências realizadas antes da criação dos clubes, instituição fundamental na conformação do campo esportivo? Não se tratou um esforço de buscar as origens, mas sim de compreender permanências e rupturas.

Foi possível perceber que as experiências pioneiras tanto já guardavam alguns elementos comumente utilizados para definir o campo esportivo quanto apresentavam características que posteriormente estariam presentes na trajetória do esporte no Brasil.

Mais do que similaridades, percebeu-se que já se delineavam diferenças entre o turfe e o remo, expressões do envolvimento de distintos grupos, ligados aos diferentes circuitos políticos e econômicos que conviviam (e se enfrentavam) em um momento importante do forjar da nação brasileira. Comerciantes, industriais e empresários do ramo agrícola; aristocratas e burgueses; militares do Exército e da Armada; nacionais e estrangeiros: de forma heterogênea e não excludente, as elites se distribuíam pelos clubes.

É digno de destaque o quanto o esporte se mostra como um importante objeto para lançarmos outros olhares sobre a sociedade fluminense (e, porque não dizer, sobre a história nacional como um todo). A riqueza do fenômeno parece justificar que ele continue recebendo a atenção de cientistas sociais, que devem seguir percebendo o quanto os momentos de diversão, aparentemente frívolos, tem muito a dizer sobre um dado contexto: *utile dulce*, como argumentavam os protagonistas do remo e do turfe.

Notas

* A pesquisa que deu origem a este artigo recebe apoio do CNPq e da Faperj.

** Professor dos Programas de Pós-Graduação em História Comparada e em Educação/UFRJ. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

¹ MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010a.

² SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo (org.). *Futbologías, fútbol, identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires, CLACSO, 2003, pp. 145-152; ANTUNES, Fátima Martín Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa!*. São Paulo, Editora da Unesp, 2004; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro, Edições Biblioteca Nacional, 2004; GASTALDO, Édison L.; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Intertexto, 2006.

³ MARCHI JUNIOR., Wanderley. “*Sacando*” o *Voleibol*. São Paulo, Hucitec, 2004.

⁴ DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2008; FORTES, Rafael. *O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura*. Rio de Janeiro, Apicuri/Faperj, 2011.

⁵ Ver, por exemplo: DRUMMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2008; COUTO, Euclides de Freitas. *Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)*. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁶ Ver, por exemplo: SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

⁷ Ver, por exemplo: GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. In: *Tempo*. Niterói, v. 19, n. 34, pp. 45-52, jun. 2013.

⁸ Ver, por exemplo: MELO, Victor Andrade de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro, Aeroplano/Faperj, 2006; MELO, Victor Andrade de. *Esporte, lazer e artes plásticas: diálogos*. Rio de Janeiro, Apicuri/Faperj, 2009.

⁹ Para um panorama da história do esporte no Brasil, ver: PRIORE, Mary Del, MELO, Victor Andrade. *História do Esporte no Brasil: da colônia aos dias atuais*. São Paulo, Editora Unesp, 2009.

¹⁰ Tornou-se, por exemplo, um estilo de vida e uma inspiração para outras manifestações. Para um debate sobre esses temas, ver: MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Faperj, 2001; SANTOS, João Manuel C. Malaia, TOLEDO, Luis Henrique, HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de, MELO, Victor Andrade de. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.

¹¹ Para mais informações sobre esse evento, ver: SANTOS, João Manuel C. Malaia, MELO, Victor Andrade de. *1922: celebrações esportivas do centenário*. Rio de Janeiro, 7 Letras/Faperj, 2012.

¹² Ver: MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o maracanã*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1998; DEPPABANCHETTI, Luciano. *Memórias em jogo: futebol, seleção brasileira e as copas do mundo de 1950 e 1954*. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

¹³ Alguns pesquisadores têm se dedicado a discutir esses eventos. Ver, por exemplo: MASCARENHAS, Gilmar, BIENENSTEIN, Glauco, SANCHEZ, Fernanda (orgs.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro, Ed. Uerj, 2011.

¹⁴ MELO, Victor Andrade de, FORTES, Rafael. Sports History in Brazil: an overview and perspectives. In: *Sport History Review*. v. 42, n. 2, pp. 102-116, nov. 2011.

¹⁵ No Simpósio Nacional de História/Anpuh, desde 2003 tem sido continuamente realizado um simpósio temático dedicado ao esporte. Entre as regionais, pela primeira vez foi promovido no encontro do Rio de Janeiro de 2006, seguindo-se ativo até os dias de hoje (foi aprovado para a edição de 2014). Já foi também organizado nos eventos da Anpuh de quatro outros Estados: São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Paraná.

¹⁶ Para mais informações sobre a conformação do campo, ver: MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício, FORTES, Rafael, SANTOS, João Manuel C. Malaia dos. *Pesquisa histórica e História do Esporte*. Rio de Janeiro, 7 Letras/Faperj, 2013.

¹⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 19.

¹⁸ SCHWARCZ, Lília Moritz. Cultura. In: SILVA, Alberto da Costa (coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 1 – Crise colonial e independência (1808-1830)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2011, pp. 205-248.

¹⁹ SCHWARCZ, *op. cit.*, 1998, p. 111.

²⁰ CARVALHO, José Murilo, A vida política. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 2 – A construção nacional (1830-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2012, pp. 83-130.

²¹ Ver: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830 - 1930)*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2010.

²² VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado – ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain (org.). *História do Corpo – volume 2*. Rio de Janeiro, Vozes, 2008, pp. 393-478.

²³ Ver, por exemplo: MELO, *op. cit.*, 2001.

²⁴ Sobre o protagonismo da Inglaterra, ver: HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções -1789-1848*. 24ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2009; THOMPSON, E.P. *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. Campinas, Editora da Unicamp, 2001. Sobre o esporte nesse cenário: HOLT, Richard. *Sport and the British: a modern history*. New York, Oxford University Press, 1989. Vale a pena também perceber o quanto o esporte estava inserido em uma nova dinâmica de entretenimento. Ver: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa, Teorema, 2001.

²⁵ MELO, Victor Andrade de. *Esporte e lazer: conceitos – uma introdução histórica*. Rio de Janeiro, Apicuri/Faperj, 2010b, p. 58.

²⁶ No caso do período desse estudo, aliás, a maior parte das agremiações sequer existe mais.

²⁷ Esse é o caso do Vasco da Gama, do Paulistano e da Sogipa.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 134-146, 1992, p. 3.

³⁰ Entrevista para a Editora da PUC-Rio. Disponível em: http://www.puc-rio.br/editorapucrio/autores/autores_entrevistas_jasmin.html. Acesso em: 30 jan. 2014.

-
- ³¹ PEREIRA, Luísa Rauter. *A história e o diálogo que somos: A historiografia de Reinhart Koselleck e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer*. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005, p. 50.
- ³² SOARES, Luiz Carlos. *A Albion revisitada*. Rio de Janeiro, 7 Letras/Faperj, 2007, p. 185.
- ³³ AGULHON, Maurice. *El círculo burgués. La sociabilidad en Francia, 1810-1848*. Buenos Aires, Siglo XXI, 2009, p. 148.
- ³⁴ *Ibidem*, p. 39.
- ³⁵ CARDOSO Lino de Almeida. *O som e o soberano: uma história da depressão musical carioca pós-Abdicação (1831-1843) e de seus antecedentes*. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006, p. 328.
- ³⁶ Há uma exceção anterior: a Assembleia Portuguesa, fundada em 1815, com o intuito de promover divertimentos, entre os quais bailes. A experiência não teve grande duração. Faltavam mesmo condições sociais para que se consolidasse. SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- ³⁷ MELO, Victor Andrade de. Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, ahead of print, 2014.
- ³⁸ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Niterói, Muiraquitã, 2008.
- ³⁹ Sobre essas associações oitocentistas, em geral há poucos estudos. Ver: ALONSO, Angela. Associativismo avant la lettre – as sociedades pela abolição da escravidão no Brasil oitocentista. In: *Sociologias*. Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 166-199, set./dez. 2011.
- ⁴⁰ Vale lembrar que os britânicos fizeram o mesmo nas muitas localidades onde se estabeleceram. O Calcutta Cricket Club foi o primeiro a ser fundado fora da Grã-Bretanha (em 1792). Para mais informações, ver: <http://www.cfc1792.com/>. Acesso em: 13 fev. 2014.
- ⁴¹ NORTON, Luís. *A corte de Portugal no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008; RICUPERO, Rubens. O Brasil no mundo. In: SILVA, Alberto da Costa (coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 1 – Crise colonial e independência (1808-1830)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2011, p. 115-160; BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 2 – A construção nacional (1830-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2012, pp. 131-178.
- ⁴² FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. 2ª edição. José Olympio/MEC, 1977, p. 27.
- ⁴³ FERREZ, Gilberto. Introdução. In: HAMOND, Graham Eden. *Os diários do Almirante Graham Eden Hamond*. Rio de Janeiro, Editora JB, 1984, p. 3.
- ⁴⁴ FREYRE, *op. cit.*, p. 12.
- ⁴⁵ *Ibidem*, p. 59.
- ⁴⁶ FERREZ, *op. cit.*

⁴⁷ HAMOND, Graham Eden. *Os diários do Almirante Graham Eden Hamond*. Rio de Janeiro, Editora JB, 1984, p. 14.

⁴⁸ Vale observar que, a princípio, o evento fora programado para uma segunda, 25 de julho, não sendo nessa data realizado devido ao mau tempo. Diário do Rio de Janeiro, 27/7/1825, p. 4.

⁴⁹ HAMON, *op. cit.*, p. 14.

⁵⁰ Império do Brasil: Diário Fluminense, 2/8/1825, p. 106.

⁵¹ Lembremos que grande parte dos estrangeiros morava nessa região da cidade.

⁵² Trata-se do palacete fora habitado por D. Carlota Joaquina, situado numa região que hoje corresponderia à esquina da rua Marquês de Abrantes com praia de Botafogo.

⁵³ GRAHAM, Maria. *Escoço biográfico de D. Pedro I*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 181.

⁵⁵ D. Leopoldina também apreciava muito passeios a cavalo e a pé. NORTON, *op. cit.*

⁵⁶ GRAHAM, *op. cit.*, p. 181. Mesmo afastada, Maria Graham seguiu como confidente de Leopoldina até a morte da Imperatriz.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 182.

⁵⁸ O proprietário vencedor do primeiro páreo foi Thomaz Lenn, militar britânico, mas quem se destacou mesmo foi Mr. Gim e seu cavalo portenho Laranjeira, que ganhou duas provas. O Spectador Brasileiro, 1/8/1825, p. 4.

⁵⁹ Império do Brasil: Diário Fluminense, 2/8/1825, p. 3.

⁶⁰ Diário do Rio de Janeiro, 9/6/1825, p. 4

⁶¹ Para um debate sobre as apostas, ver: MELO, *op. cit.*, 2001.

⁶² O Spectador Brasileiro, 15/6/1825, p. 1.

⁶³ MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, pp. 127-152, dez. 2007.

⁶⁴ O Spectador Brasileiro, 15/6/1825, p. 1.

⁶⁵ O Spectador Brasileiro, 5/9/1825, p. 1.

⁶⁶ Idem, *Ibidem*, p. 2.

⁶⁷ MELO, Victor Andrade de. “Temos apaixonados para o mar e para a terra”: representações do esporte nos folhetins (Rio de Janeiro; 1851-1855). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 553-566, dez. 2013a.

⁶⁸ Gazeta do Rio de Janeiro, 25/5/1814, p. 4.

⁶⁹ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Editora da USP, 1975, p. 188.

⁷⁰ Diário do Rio de Janeiro, 15/9/1825, p. 3. O evento acabou sendo realizado em 29 de setembro, pela manhã, com três páreos (o primeiro com quatro cavalos, o segundo com dois competidores e o terceiro com três). Diário do Rio de Janeiro, 21/9/1825, p. 3.

⁷¹ Para mais informações, ver: MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, pp. 365-392, 2013b; MELO, Victor Andrade de. Uma

diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História*, Franca, v. 32, n. 2, pp. 163-188, dez. 2013c.

⁷² Diário do Rio de Janeiro, 23/1/1830, p. 2.

⁷³ MELO, *op. cit.*, 2001.

⁷⁴ HAMOND, *op. cit.*, p. 18.

⁷⁵ MELO, *op. cit.*, 2014.

⁷⁶ HAMOND, *op. cit.*, p. 131.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 170.

⁷⁸ No Rio de Janeiro, somente a partir dos anos 1860 surgiriam agremiações de cricket, sempre ligadas à colônia de ingleses.

⁷⁹ MELO, *op. cit.*, 2001

⁸⁰ Jornal do Comércio, 20/8/1846, p. 4.

⁸¹ Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, n. 18-21, 1941.

⁸² RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro imperial*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000, p. 366.

⁸³ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

⁸⁴ Semanário de Saúde Pública, Revista Médica Fluminense, Revista Médica Brasileira, Arquivo Médico Brasileiro, O Progresso Médico, Annaes Brasilienses de Medicina, Brasil Médico.

⁸⁵ PERES, Fabio de Faria, MELO, Victor Andrade de. *A gymnastica nos tempos do Império*. Rio de Janeiro, 7 Letras/Faperj, 2014.

⁸⁶ Trata-se do primeiro dicionário monolíngue da língua portuguesa. Para mais informações, ver: NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. In: *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*. v. 3, n. 1/2, dez. 2010; VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, José Horta, PÉTTIER, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP/Pontes, 2002, pp. 15-64.

⁸⁷ Dicionário de língua portuguesa, de Bernardo de Lima e Mello Bacellar (1783); Dicionário da língua portuguesa - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, de Antonio de Moraes Silva e Raphael Bluteau (1789); Novo dicionário da língua portuguesa: composto sobre os que até o presente se tem dado ao prelo, e acrescentado de vários vocábulos extraídos dos clássicos antigos, e dos modernos de melhor nota, que se acham universalmente recebidos (1806); Dicionário da língua portuguesa recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado, de António de Morais Silva (1813); Dicionário da língua portuguesa, recopilado de todos os impressos até o presente, de António de Morais Silva (1823); Dicionário da língua portuguesa: composto, de António de Morais Silva (1831); Novo dicionário da língua portuguesa, de José da Fonseca (1831); Dicionário da língua brasileira, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832).

⁸⁸ Um debate sobre esses termos pode ser visto em: PERES, MELO, *op. cit.*

⁸⁹ O Spectador Brasileiro, 20/9/1824, p. 4.

⁹⁰ Nova Luz Brasileira, 22/10/1830, p. 1.

⁹¹ O Sete d'Abril, 4/2/1837, p. 3.

⁹² Revista Médica Fluminense, julho de 1839, p. 140.

⁹³ Dicionário universal português: ilustrado.

⁹⁴ O surgimento de palavras relacionada ao esporte indica um processo de racionalização das funções e definição de esferas de responsabilidades ao redor de uma prática que se estruturava.

⁹⁵ Para um debate sobre essas diferenças entre Brasil e Portugal, ver: MELO, Victor Andrade de, Esporte e artes plásticas em Portugal: Amadeo de Souza-Cardoso. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 10, n. 1, p. 191-199, 2010; MELO, Victor Andrade de. Que modernidade? O esporte em Os Maias (Eça de Queirós, 1888). *Aletria - Revista de Estudos de Literatura*, v. 22, n. 2, p. 201-217, mai-ago 2012.

⁹⁶ Correio da Tarde, 4/3/1852, p. 1.

⁹⁷ Jornal do Comércio, 6/3/1947, p. 3.

⁹⁸ Newmarket acolhia corridas desde as décadas iniciais do século XVII. Em 1750, por lá se instalou o Jockey Club inglês, a primeira agremiação de turfe do mundo.

⁹⁹ GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. *O Duque de Caxias: dia a dia*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2012.

¹⁰⁰ Sobre essa agremiação, ver: NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

¹⁰¹ Correio Mercantil, 26/5/1848, p. 3.

¹⁰² Esses nomes são informados em: CARVALHO, Ney O. R. (editor). *Jockey Club Brasileiro - 130 anos. Rio de Janeiro: um século e meio de turfe*. Rio de Janeiro, Imprinta Gráfica e Editora, 1998.

¹⁰³ Correio Mercantil, 17/10/1849, p. 4. Curiosamente, Manuel José Monteiro, dono do cavalo Malacarinho, publicou nos jornais uma carta em que dizia não ter sido comunicado do desafio, mas que estaria pronto para participar (Correio Mercantil, 18/10/1849, p. 4).

¹⁰⁴ Aparentemente aqui há uma restrição à participação de negros nas corridas. Não conseguimos, contudo, confirmar essa ideia.

¹⁰⁵ Correio Mercantil, 18/10/1850, p. 3

¹⁰⁶ Periódico dos Pobres, 22/10/1850, p. 1.

¹⁰⁷ Depois das críticas, o Club de Corridas faz alguns ajustes para deixar mais claras as informações sobre o evento (Correio Mercantil, 23/10/1850, p. 5). Outro caso de ironia com os termos do anúncio é citado em: COSTA, Cássio. *O turfe de outrora*. Rio de Janeiro, Vida Turfista, 1961.

¹⁰⁸ MELO, *op. cit.*, 2001.

¹⁰⁹ O envolvimento de condutores com escândalos será uma constante, sendo eles punidos mesmo quando simplesmente cumpriam ordens (MELO, *op. cit.*, 2001).

¹⁰⁹ MELO, *op. cit.*, 2013.

¹¹⁰ MELO, *op. cit.*, 2013.

¹¹¹ Diário do Rio de Janeiro, 20/10/1851, p. 2.

¹¹² Correio Mercantil, 27/10/1851, p. 3.

¹¹³ Para mais informações, ver: MELO, op. cit., 2013b; MELO, *op. cit.*, 2013c; e PERES, MELO, *op. cit.*

¹¹⁴ Correio Mercantil, 27/10/1851, p. 3.

¹¹⁵ O evento, aliás, terminou com um grande baile, oferecido em um barco, que só terminou à meia-noite.

¹¹⁶ Correio Mercantil, 28/10/1851, p. 1.

¹¹⁷ MELO, *op. cit.*, 2001.

¹¹⁸ Correio Mercantil, 31/10/1851, p. 1.

¹¹⁹ Correio Mercantil, 31/10/1851, p. 3.

¹²⁰ Marmota na Corte, 31/10/1851, p. 1.

¹²¹ Correio Mercantil, 3/11/1851, p. 1.

¹²² Periódico dos Pobres, 4/11/1851, p. 1.

¹²³ Correio Mercantil, 3/11/1851, p. 1.

¹²⁴ Tratava-se da mesma casa onde seu pai, Pedro I, acompanhara as corridas de cavalos de 1825.

¹²⁵ Litografia (300 x 480 mm) de A. L. Guimarães, impressa na oficina de Heaton e Rensburg. Acervo da Biblioteca Nacional (FERREZ, Gilberto. *A muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Castro Maya, 1965).

¹²⁶ Uma descrição mais detalhada e menos apaixonada das regatas pode ser vista em: Diário do Rio de Janeiro, 3/11/1851, p. 1.

Data de envio: 15/02/2014.

Data de aceite: 23/02/2014.